

# MÉTODOS MISTOS APLICADOS À PESQUISA EM AMBIENTE DE CONVERGÊNCIA

Francilaine Moraes<sup>1</sup>; Viviane de Melo Resende<sup>2</sup>

**Abstract:** This paper aims to discuss relations between Depth Hermeneutics proposed by Thompson (1995) and Critical Discourse Analysis, specifically the so-called Textually Oriented Discourse Analysis proposed by Fairclough (2003), as mixed methods applied to research on processes of participatory practices in the media. The methodology of the research we discuss here results from the combination of these instruments and supports the analysis and interpretation of data collected and generated in a case study. The research scenario is a converging environment, including the convergence of technology, media, public and genres. The findings denote that dialogue between the two qualitative approaches enables the research of discursive processes involving social issues.

**Keywords:** critical discourse analysis; depth hermeneutics; media; public participation; convergence.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir as relações entre a Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 1995) e a Análise de Discurso Crítica, na vertente da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) (Fairclough, 2003), como métodos mistos aplicados à pesquisa sobre processos de práticas participativas do público na mídia. O desenho metodológico resulta da combinação desses instrumentos e ampara a análise e a interpretação dos dados coletados e gerados em estudo de caso, cujo cenário ocorre em ambiente de convergência entre tecnologias, mídias, públicos e gêneros. As conclusões denotam que o diálogo entre os dois métodos de abordagem qualitativa possibilita a investigação de objeto envolvendo processos sociais e questões discursivas.

**Palavras-chave:** análise de discurso crítica; hermenêutica de profundidade; mídia; participação do público; convergência.



O foco deste trabalho é uma abordagem discursiva de processos de interação mídia-público, o que se logra no diálogo entre as áreas da comunicação e dos estudos da linguagem. Trazemos aqui um recorte de resultados da pesquisa doutoral intitulada "Sua História' na mídia: aproximações e diferenças discursivas em tempos de convergência", de Francilaine Munhoz de Moraes. A tese, defendida em 2014, foi conduzida junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, com orientação de Zélia Leal Adghirni, e com coorientação no Programa de Pós-Graduação em Linguística, por Viviane de Melo Resende. A articulação entre estudos da comunicação e estudos do discurso levou à configuração metodológica híbrida da pesquisa em foco, e é a essa configuração, no campo da pesquisa qualitativa, que dedicamos este artigo.

Nessa abordagem, trabalhamos na perspectiva de reconfigurações de práticas de participação, especificamente em suas implicações com questões discursivas como parte de processos sociais (Chouliaraki; Fairclough, 1999). A relevância da investigação resulta do

<sup>1</sup> Francilaine Munhoz de Moraes, Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil. E-mail: [moraesfranci@yahoo.com.br](mailto:moraesfranci@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Viviane de Melo Resende, Doutora em Linguística, docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil. E-mail: [viviane.melo.resende@gmail.com](mailto:viviane.melo.resende@gmail.com).

aprofundamento de questões discursivas no quadro de possibilidades participativas na contemporaneidade. A análise detalhada e a crítica explanatória de eventos discursivos nas circunstâncias de participação do público na mídia constituem a singularidade do trabalho, que se preocupa com o que dizem e como o dizem atores sociais envolvidos na experiência participativa eleita como estudo de caso, o Projeto Generosidade.

## 1. PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS

Os usos sociais e as apropriações das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana facilitam práticas participativas como a que investigamos. O atual ambiente midiático propicia novas vias de participação dos indivíduos e o surgimento de experiências diversas. Influenciam e contextualizam o debate: (i) o processo de convergência de mídias, que “altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (Jenkins, 2009, p. 43); (ii) o modo como o/a consumidor/a interatua com os conteúdos no atual ambiente midiático (Canavilhas, 2011, 2012) e (iii) a domesticação das tecnologias (Silverstone e Hirsch, 1992; Lopes, 2010).

### 1.1 ECOSISTEMA MIDIÁTICO E CONVERGÊNCIA

A partir da noção de ecossistema biológico, a corrente da *Media Ecology* aborda fatores e aspectos do ambiente midiático, caracterizando-o como ecossistema. Segundo Postman (1970), que cunhou o termo, a palavra ecologia justaposta a mídia implica o estudo de estrutura, conteúdo e impacto dos ambientes midiáticos (*media environments*) sobre as pessoas, nas suas maneiras de pensar, sentir e agir.

De acordo com Scolari (2012), a metáfora ecológica aplicada aos meios admite duas interpretações complementares: os meios constituem ambientes que modificam nossa percepção; os meios são como espécies que vivem em um ecossistema e estabelecem relações entre si, e com os sujeitos que formam parte do ecossistema. Nessa perspectiva, a partir de 1998, “com a difusão da web e o desenvolvimento de processos de convergência de mídias, houve renovação no interesse por uma abordagem integrada da mídia” (2012, p. 204). Essa perspectiva teórica é útil para explicar as relações entre o entorno midiático e as práticas de participação do público na mídia.

Nessa linha, a semioticista Santaella (2010) argumenta que, com o progressivo processo de digitalização, “aumentam as misturas entre as mídias e multiplicam-se as possibilidades de seus usos. Não poderia haver uma metáfora melhor do que a ecológica para dar conta de tal fertilidade” (p. 16). Segundo a autora, a história das mídias demonstra que cada novo meio que aparece na cena traz consigo uma tensão que dura algum tempo até ocorrer uma integração entre as mídias, permitida pela ‘reacomodação’ geral das relações entre elas.

A paisagem midiática caminha para uma “hibridação convergente” que resulta da “interoperabilidade que torna os dispositivos tecnológicos, redes e mídias cada vez mais próximos uns dos outros” (p. 78). Nesse quadro, Santaella pontua que as fronteiras entre as mídias recuam a um plano de fundo, e as experiências cotidianas, para um número crescente de pessoas, inclui a atenção distribuída a uma disponibilidade constante de mídias e rotinas de comunicação.

Ao trazer as variáveis da Ecologia para o estudo dos meios, Canavilhas (2011) estabelece que, em um ecossistema midiático, há três tipos de fatores: intermediáticos (estudo dos meios e suas relações); contextuais (estudo de como ocorre o consumo midiático) e tecnoambientais (estudo das interfaces e da ação do consumidor no ecossistema).

A presença da internet (novo meio) e os dispositivos móveis de acesso à Rede – como os *smartphones* – impõem transformações ao ecossistema midiático, especialmente na forma como as pessoas se relacionam com os meios. De acordo com o autor, a entrada no ecossistema desses dois novos elementos ocasiona mudanças nos fatores contextuais, como a individualização do consumo e a mobilidade. Somados a estes, estão as transformações nos fatores tecnoambientais, dos quais se destacam a miniaturização e a portabilidade dos aparelhos tecnológicos, e a convergência de múltiplas funções nesses dispositivos. A usabilidade e a interatividade permitidas mediante os novos fatores tecnoambientais modificam o modelo de comunicação, que se torna descentralizado – migra do modelo ‘um para muitos’ aos modelos ‘muitos para muitos’; ‘muitos para um’; ‘um para um’ – devido à forte presença do público no fluxo de informação. Esses aspectos mudam, portanto, a maneira como o consumidor interatua com os conteúdos dos meios.

O conjunto dessas transformações cria as condições para a emergência de um novo ecossistema midiático. Da adaptação do argumento darwinista de evolução e transformação das espécies, Canavilhas infere que o ecossistema midiático tende a equilibrar-se a partir da adaptação dos meios de comunicação à chegada de novos meios e novas circunstâncias. Segundo o autor, é o que acontece neste momento com os meios tradicionais utilizando a internet como suporte.

O novo ecossistema caracteriza-se pela transformação (i) na informação, de periódica para onipresente, e do sistema *pull*, em que o/a consumidor/a está em busca de notícia, ao *push*, em que as notícias buscam consumidores/as; (ii) no consumo, que passa a ser individual, contínuo, móvel e global, e (iii) nas interfaces e sua relação com o público, mediante o incremento da interatividade que permite a participação de consumidores/as no processo informativo, tanto na colaboração da produção como na redistribuição de notícias pelas redes. Destacamos, no ecossistema midiático delineado, o processo de convergência. A adaptação dos meios tradicionais à presença da internet eliminou as fronteiras entre os meios e deu início a um processo de convergência que torna cada vez mais difícil distinguir onde termina um meio e onde começa o outro (Canavilhas, 2011).

Para Henry Jenkins (2009), que estuda a cultura da convergência, “o paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (p. 33). Interessante ressaltar que, embora a convergência opere pela unidade, ela

não significa estabilidade, mas tensão, e, portanto, é definida pelo autor como “um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa” (p. 377). Nesse ambiente, o fluxo de conteúdos flui pelas várias plataformas de mídia ou, em outras palavras, os conteúdos se estendem para além de seu meio original. Fundamental destacar que, sob a perspectiva cultural de Jenkins, a convergência de mídias é um processo abrangente que “altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (p. 43).

López García *et al.* (2012) veem a convergência como processo estrutural, que marca e define a tendência comunicativa nos meios de comunicação do século XXI. Os autores explicam que:

A convergência tecnológica significou uma verdadeira revolução na sociedade do século XXI, e os meios de comunicação também foram afetados nas suas estruturas e conteúdos. Não só os antigos modelos de produção de notícias foram alterados, mas a mídia também abriu suas “portas” para conteúdo gerado pelo usuário, permitindo e incentivando a inclusão de comentários, fotos, vídeos, blogs e até mesmo artigos feitos pelos leitores. (p. 51)

Esse entendimento é, a nosso ver, de fundamental importância, pois assume a amplitude do processo (revolução na sociedade do Século XXI), como também o aproxima dos meios de comunicação, destacando os modos como estes foram afetados (suas estruturas e conteúdos), e, principalmente, porque sublinham a importância do conteúdo gerado pelo usuário, discriminando o modo (a mídia abriu suas portas), a ação (permitindo e incentivando) e os mecanismos (inclusão de comentários, fotos, vídeos, blogs e artigos). Consideramos esta concepção singular por reunir, num só conceito, as dimensões do processo de convergência.

No campo jornalístico, David Domingo *et al.* (2007) propõem uma estrutura analítica para a convergência jornalística em quatro dimensões: produção integrada; polivalência profissional; distribuição ‘multiplataforma’<sup>3</sup> e audiência ativa. Essa abordagem não vê a ‘integração total’ como passo final e necessário. Segundo os autores, a convergência, na prática, não é um processo linear, e cada uma das dimensões pode ter um grau diferente de desenvolvimento. A convergência deve ser examinada como um processo que usa a inovação tecnológica para atingir objetivos específicos em contextos também específicos. Por isso, cada projeto pode ter um resultado diferente.

Damos destaque ao trabalho de Domingo *et al.* pela abrangência da pesquisa e pela abordagem realista, em que o modelo analítico, com base nas dimensões da convergência jornalística, sugere análises contextualizadas, como as que nos propomos.

## 1.2 APROPRIAÇÃO DE TECNOLOGIAS E PARTICIPAÇÃO

<sup>3</sup> O termo ‘multiplataforma’ significa ‘em múltiplas plataformas’.

Argumentamos que o ecossistema midiático descrito e o contexto da convergência facilita a existência de experiências participativas. Discutiremos como isso ocorre.

A convergência realiza-se em vários aspectos – tecnológico, midiático, cultural, social, econômico – e impacta diversas práticas sociais. Esses aspectos não são estanques; ao contrário, interagem uns com os outros. Assim, há influência recíproca entre os fatores tecnológico (as TIC, seus dispositivos, a digitalização de informações), midiático (a conversa entre os meios, a convergência de conteúdos), cultural (cultura da convergência, cultura da participação), social (práticas sociais em suas diversas manifestações), econômico (a fusão entre empresas de origens distintas), entre outros.

Nesse conjunto de fatores associados, nosso foco é a ligação entre as possibilidades abertas pelas recentes tecnologias (fator tecnológico) e as práticas participativas (fator social). Em primeiro lugar, é importante esclarecermos nossa postura sobre a relação entre os fatores tecnológico e social. Rechaçamos o reducionismo tecnológico, em que a tecnologia é vista como o único motor a prover transformações nas práticas sociais, e aproximamo-nos da visão que privilegia os usos sociais das tecnologias. Entendemos que os indivíduos usam as tecnologias, e não o contrário, isto é, criam-nas, inovam-nas, incorporam-nas em seu cotidiano de formas diversas.

Entendemos que os modos como as pessoas se comportam resultam, ao lado de outros elementos, da apropriação crescente das tecnologias pelos indivíduos em suas vidas cotidianas. Para compreendermos como esse processo de apropriação ocorre, trazemos ao debate a questão da domesticação das tecnologias.

Com base em Silverstone e Hirsch (1992), a noção de domesticação das tecnologias traduz o processo de tornar domésticas<sup>4</sup> as tecnologias da informação e comunicação. Ao analisar as relações entre consumo e tecnologia, os autores consideram que as ligações entre indivíduos e tecnologias envolvem uma apropriação doméstica (as tecnologias são domesticadas), e é por meio dessa apropriação que essas tecnologias são incorporadas e redefinidas. Esta noção, pois, é de particular valia porque nos ajuda na compreensão sobre o lugar das novas tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana.

Em tese sobre essa questão, Lopes (2010) defende que o sentido inicial do processo de domesticação – as tecnologias adquiridas no domínio público tornam-se partes do lar (*household*) – expandiu-se para além do espaço físico da casa por conta da mobilidade permitida pelas recentes tecnologias. Esse cenário está ligado, segundo a pesquisadora, à “capacidade de adaptação a novas situações e novos contextos, quer pelas tecnologias, quer pelos utilizadores” (p.17). Nesse âmbito, (1) as tecnologias domesticam os/as usuários/as, ao mesmo tempo em que são domesticadas por eles/as, e (2) isso acarreta “envolvimento e não um mero contato dos indivíduos com a técnica para se atingir um objetivo” (p.175). Um dos principais fundamentos da domesticação é o fato de o cotidiano das sociedades

---

<sup>4</sup> No sentido estrito do termo, com base em Silverstone e Hirsch (1992, p.4), “doméstico” aproxima-se dos sentidos de familiar e privado.

contemporâneas alicerçar-se, em grande medida, nas relações entre indivíduos e tecnologias da comunicação.

Destacamos que essa corrente lança mão de termos como relacionamento e convivência para investigar a proximidade entre os indivíduos e as tecnologias. A nosso ver, essa terminologia revela intimidade nessa relação, o que, por sua vez, está ligado aos usos sociais. Quanto mais os indivíduos usam (ação humana) as tecnologias em suas vidas cotidianas, mais adquirem intimidade no convívio com essas ferramentas e suas possibilidades, as quais por sua vez, de maneira circular, potenciam antigas ações ou propiciam outras novas.

Nesse âmbito, na medida em que os recursos se tornam habituais, esse fato implica o aumento da frequência e da diversidade com que as pessoas os usam em experiências várias, inclusive as participativas. É amplo o universo que interliga as tecnologias da informação e comunicação à participação, como polo gerador de práticas. Nesse universo, questionamos as práticas de participação – frequência e natureza – para caracterizar as relações entre práticas e tecnologias.

No contraponto entre escassez e abundância, a quantidade implica diferença, segundo Clay Shirky (2011), que estuda a “cultura da participação”. Ele explica o pressuposto “mais é diferente” do seguinte modo: “Quanto mais você agrega uma grande quantidade de alguma coisa, ela se comporta de novas maneiras; e as tecnologias de comunicação estão agregando nossa capacidade individual de criar e compartilhar em níveis inéditos” (p. 28).

Como exemplo, Shirky cita a quantidade de pessoas que carregam câmeras, que cresceu de alguns milhões no mundo em 2000 para mais de um bilhão hoje. Como as câmeras agora são embutidas em celulares, isso aumenta o volume de pessoas que as levam consigo o tempo todo e podem documentar eventos em qualquer canto e depois disponibilizá-los na web para serem mostrados ao mundo, como ocorreu com as bombas nos transportes de Londres em 2005 e as agitações civis após as eleições iranianas em 2009, exemplos que o autor elenca. Tais mudanças de hábito em escala significam, de acordo com Shirky, que práticas antes improváveis tornam-se possíveis. Desse modo, as implicações entre os fatores (tecnológico e social) interferem tanto na frequência quanto na natureza das práticas participativas. O autor alega que podemos investir em projetos que variam da diversão à transformação cultural, pois temos à nossa disposição as ferramentas tecnológicas e as oportunidades que elas viabilizaram, mas pondera que “as novas ferramentas não causaram esses comportamentos, elas os permitiram” (p. 61).

Entendemos que essas práticas são exemplos de comportamento participativo, fruto da associação entre apropriação de tecnologias da informação e comunicação (TIC) e participação. Nesse raciocínio, os usos sociais dos recursos propiciados pelas TIC, à disposição de muitas pessoas (ainda que não de todas), aliados à crescente apropriação das tecnologias e à atualização de experiências, reforçam e reconfiguram práticas participativas em diversas esferas da vida, entre elas a midiática, nosso ambiente específico de interesse.

## 2. CENÁRIO

O cenário é o lugar de observação escolhido para estudar o objeto. Argumentamos que o cenário não pode ser visto como mero depósito dos dados, pois o lócus envolve os elementos, une-se a eles e, nesse movimento, estabelece sentidos (Mouillaud, 2012). Nessa perspectiva, situamos a importância do cenário da pesquisa (Moraes, 2014).

O Projeto Generosidade é um produto da Editora Globo, uma das empresas das Organizações Globo, conglomerado midiático brasileiro cujo carro-chefe é a TV Globo, que em 2012 tornou-se a segunda maior emissora do mundo.<sup>5</sup> De acordo com dados da instituição, a emissora atinge 98,44% do território brasileiro e 99,50% da população em potencial.<sup>6</sup> Como o Brasil tem mais de 200 milhões de habitantes, isso significa atingir, potencialmente, quase toda essa população. A emissora é líder de faturamento nos investimentos publicitários no país, cerca de nove bilhões de dólares em 2011.<sup>7</sup> Sua influência em território brasileiro é forte não apenas sobre o setor de tevê, uma vez que a marca Globo é veiculada em todas as mídias do grupo, o que redimensiona a visibilidade de seus produtos de comunicação, entre eles as revistas da Editora Globo.

A Editora Globo, que em 2012 completou 60 anos, publica 13 revistas em formato impresso e em websites. Desde julho de 2012 também publica seus conteúdos em aplicativos para dispositivos móveis. De acordo com os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), circulam 3,2 milhões de exemplares por mês para 9,3 milhões de leitores/as.<sup>8</sup> Seus sites têm 7,9 milhões de usuários/as únicos/as ao mês e 92 milhões de *pageviews*. Nesse contexto, é significativo o aumento da base de usuários/as web no país: a internet brasileira atingiu 83,4 milhões de usuários/as no primeiro semestre de 2012, um crescimento de 16% em relação ao ano anterior.<sup>9</sup>

É nesse braço editorial que se situa o Projeto Generosidade. Apresentado como “uma causa pioneira e original na mídia brasileira”, com o objetivo expresso de “divulgar exemplos bem-sucedidos que promovam o bem no Brasil”, o Projeto Generosidade é uma proposta da empresa que reúne, sob o tema “generosidade”, uma série anual de reportagens publicadas nas revistas da Editora. O público é chamado a participar do projeto por meio do envio de ‘Sua História’ acerca da temática. As narrativas falam sobre pessoas ou instituições que “mudam realidades” no Brasil. As reportagens circulam nas revistas da Editora tanto nas versões

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticia/globo-crece-e-se-torna-a-segunda-maior-emissora-do-mundo-21371.html>>. Acesso em 23 out. 2012.

<sup>6</sup> Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html>>. Acesso em 20 out. 2012.

<sup>7</sup> Na última década, a participação da TV Globo nos investimentos publicitários foi de 70%. No Brasil, o faturamento bruto com anúncios em tevês abertas foi de R\$ 18 bilhões (2011). Desse montante, a Globo, que faturou R\$ 12,6 bilhões em 2011. Disponível em <<http://www.midiabsb.org.br/?tag=audiencia>>. Acesso em 23 out. 2012.

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.ivcbrasil.org.br/>> Acesso em 24 out. 2012

<sup>9</sup> Disponível em <<http://br.nielsennetpanel.com/pnl/br/home>> Acesso em 15 out. 2012.

impressas quanto digitais, em todas as plataformas, e as narrativas do público são publicadas no site do Projeto.<sup>10</sup>

Nos cinco primeiros anos de existência do Projeto Generosidade da Editora Globo (2007-2011), foram publicadas 349 reportagens e 1.260 histórias do público acerca do tema compartilhado – a generosidade. Nesse cenário, coletamos e geramos os dados para a investigação. Os dados empíricos englobam dados principais (os *corpora* compostos de reportagens da mídia e histórias do público, coletados entre julho de 2011 a julho de 2012) e complementares (entrevistas geradas com atores sociais envolvidos e documentos institucionais coletados).

### 3. DIMENSÕES DA INVESTIGAÇÃO

Para pesquisar o objeto, a investigação abrange: a pesquisa qualitativa como perspectiva de abordagem; o estudo de caso como princípio estratégico; a coleta de textos e de documentos, bem como a geração de entrevistas para obtenção de dados; a Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO), vertente da Análise de Discurso Crítica (ADC), casada à Hermenêutica de Profundidade (HP) como métodos para as análises de dados.

O delineamento qualitativo pauta o trabalho. Segundo Bauer, Gaskell e Allun (2010), a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais” (p. 23). A escolha qualitativa implica, assim, uma decisão sobre os dados (sociais) e os métodos (interpretativos). Em sintonia com essa abordagem, este trabalho adota dois métodos interpretativos (HP e ADTO) e lida com dados sociais. Sobre estes, Bauer, Gaskell e Allun (2010) explicam que a “pesquisa social baseia-se em dados sociais que são construídos nos processos de comunicação” (p. 20), sendo que a realidade social pode ser representada em maneiras formais e informais de comunicar. Os dados formais, como os textos publicados, reconstróem as maneiras pelas quais a realidade social é representada (p. 22).

Como estratégia de pesquisa, elegemos o estudo de caso, modalidade de investigação do plano qualitativo, comumente usada nas ciências sociais para explorar experiências concretas (Yin, 2010). Enfatizamos a harmonia entre as dimensões da investigação à luz da abordagem qualitativa.

#### 3.1 MÉTODOS

---

<sup>10</sup>Em ‘regulamento de participação’, consta: “Todos – pessoas e organizações – que pratiquem ações do bem podem se inscrever contando suas histórias, que serão publicadas no site do Projeto Generosidade”. Disponível em <<http://www.projeto generosidade.com.br/regulamento/>> Acesso em set. 2011.



A metodologia construída para este trabalho resulta da combinação de métodos da Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 1995) e da Análise de Discurso Crítica, na vertente da Análise de Discurso Textualmente Orientada (Fairclough, 2003). Essa combinação de enfoques serve aos propósitos da pesquisa porque permite o foco no discurso, em especial na sua materialização – textos –, sem descuidar dos elementos com os quais as questões discursivas estão dialeticamente articuladas na prática social em exame (Ramalho; Resende, 2011). Os elementos conjunturais e contextuais, de cunho sócio-histórico e midiático, identificam e particularizam a prática de participação em estudo. Consideramos a análise desses elementos em conjunto com a análise de textos uma combinação adequada para investigar o objeto, que envolve processo social e questão discursiva.

A fim de expor nossa construção metodológica, apresentamos os métodos separadamente, para não descaracterizar as identidades teórico-metodológicas de cada um deles, e posteriormente discutimos a fusão que originou o desenho analítico da investigação, foco específico deste trabalho.

### **3.2 HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE**

Na busca pela compreensão de nós mesmos/as e do que nos cerca, procuramos, desde sempre, interpretar as coisas do mundo. Tentamos entender o que nos dizem os sonhos, as posições das estrelas, os elementos naturais, os objetos inanimados, os símbolos e tudo o mais ao nosso redor. Esse desejo é simbolizado na mitologia clássica por Hermes, o mensageiro dos deuses. Do mito de Hermes, a hermenêutica carrega em seu significado a intenção de traduzir e interpretar mensagens, e é, portanto, considerada a ciência das interpretações. Entendemos que a hermenêutica é útil para reflexões metodológicas porque desejamos, por meio da interpretação, compreender o nosso objeto. Nesse viés, elegemos a Hermenêutica de Profundidade, herdeira das tradições hermenêuticas e adaptada por Thompson (1995) aos estudos das comunicações.

O referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP) desenvolvido por Thompson (1995) entende o objeto de análise como uma construção simbólica significativa que exige uma interpretação. Para Thompson, processos sociais são construções simbólicas, as quais, em alguma etapa do processo analítico, vão apresentar problemas específicos de compreensão e interpretação. No contexto desta pesquisa, situamos que o processo social tratado refere-se à participação do público na mídia, analisada por meio das formas simbólicas eleitas: os textos. Desse modo, o propósito, sob a perspectiva da HP, é investigar a capacidade de usuários/as de contribuir com um referencial narrativo dentro do qual eles/as contam aspectos de suas próprias vidas e misturam experiências pessoais aos produtos mediados pelos meios de comunicação. Interessa-nos, pois, o modo de inserção discursiva de cada indivíduo na realidade reconstruída pela mídia.

Na busca por um método para analisar as formas simbólicas, Thompson extraiu da herança interpretativa da hermenêutica clássica e, mais especificamente, da hermenêutica de

profundidade de Ricoeur, as bases para elaborar seu referencial. Os argumentos que sustentam o método defendem a necessidade de contextualização sócio-histórica das formas simbólicas, bem como o estudo de suas características internas e sua interpretação.

O autor defende que as formas simbólicas (ações, falas, textos) são construções significativas (dotadas de significados) que apresentam um problema de interpretação. Diferente das ciências naturais, a investigação social trata do mundo sócio-histórico, o qual não é apenas um campo-objeto a ser observado, mas também um campo-sujeito constituído por sujeitos no curso de suas vidas cotidianas, capazes de compreender e refletir. Ao reunir esses fundamentos, a Hermenêutica de Profundidade (HP) busca elucidar as maneiras como as formas simbólicas são compreendidas pelas pessoas, processo que Thompson denomina hermenêutica da vida cotidiana. Na análise prática, o referencial metodológico da HP abrange três formas de investigação: análise sócio-histórica; análise discursiva; interpretação ou reinterpretação. Para o estudo de cada fase, a abordagem metodológica sugere diversos aspectos e distintas ferramentas de pesquisa que devem ser escolhidas conforme melhor respondam à investigação particular empreendida (Thompson, 1995, p. 365).

Como referencial metodológico geral para a análise das formas simbólicas, a Hermenêutica de Profundidade encontra nos estudos da Comunicação, de acordo com o autor, fértil campo de aplicação. Thompson desenvolveu um enfoque específico para a análise de formas simbólicas no contexto da comunicação, em que contribuem para a análise a produção, a transmissão, a construção, a recepção e a apropriação das mensagens comunicativas.

O referencial metodológico da HP oferece uma gama de possibilidades, e cada pesquisador/a deve optar dentre aqueles que melhor auxiliem a percorrer o caminho interpretativo. Desse modo, elegemos uma abordagem metodológica coerente com a Hermenêutica de Profundidade: a Análise de Discurso Crítica, especificamente na vertente da Análise de Discurso Textualmente Orientada.

### **3.3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA**

A Análise de Discurso Crítica (ADC) reúne diversas abordagens interdisciplinares para estudos do funcionamento da linguagem na sociedade, e pode ser tomada como referencial teórico para a compreensão do funcionamento social da linguagem e como referencial metodológico para a análise de objetos semióticos, tais como textos. Como método crítico, a análise discursiva tem o propósito de tornar visíveis as relações entre linguagem em uso e práticas sociais. Neste estudo, adotamos a vertente teórico-metodológica inicialmente formulada por Norman Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), que investiga o discurso como um dos elementos da prática social. A ADC trabalha com modelos para o estudo situado (em situações específicas) do funcionamento da linguagem na sociedade. Entre os diversos caminhos analíticos propiciados pela ADC, optamos pelo método de análise textual para pesquisas sociais (Fairclough, 2003), a Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO).

No método da ADTO, por meio da análise sistemática de textos podemos explorar conexões entre escolhas de atores sociais em eventos discursivos específicos e questões mais amplas de âmbito social. Essa abordagem entende que a análise de textos é uma parte essencial da análise de discurso. Por isso, preocupa-se com continuidade e mudanças em nível abstrato e estrutural, em sua relação com a ação discursiva em textos particulares.

O método permite o trabalho com diversas modalidades de textos (escritos, orais, multimodais) e distintos gêneros discursivos, como reportagem, entrevista, filme etc. A partir do material empírico selecionado, devem ser investigadas as propriedades sociodiscursivas resultantes de sua produção, circulação e consumo na sociedade. Fairclough (2003) situa a análise textual na interface entre ação, representação e identificação, os três principais aspectos discursivos das práticas sociais. A investigação recai sobre como gêneros (ação), discursos (representação) e estilos (identificação) são apropriados, e as maneiras como são articulados em textos. Os traços específicos de textos estão associados a discursos, gêneros e estilos particulares.

Desse modo, traços específicos de textos (aspectos gramaticais, vocabulário, relações semânticas, por exemplo) são associados a gêneros, discursos ou estilos, também específicos. As categorias de análise textual são, pois, formas e significados associados a maneiras particulares de agir e interagir, de representar e de identificar(-se) em práticas sociais situadas (Ramalho; Resende, 2011). Com base na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), o método propõe um arcabouço de categorias linguístico-discursivas para análise textual. Por meio delas, podemos analisar textos a fim de mapear conexões entre o discursivo e o não-discursivo.

Vale enfatizar que essa forma de análise textual é uma ferramenta, e não um fim em si mesma. A ADTO deve ser adotada como campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas. De um modo geral, pesquisas orientadas por essa versão de Análise de Discurso Crítica pautam-se por três tipos de análise articuladas: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise de discurso. Nas duas primeiras, são investigadas as redes de práticas (conjunturas) e a prática particular em estudo. Isso inclui análise de relações dialéticas entre discurso e outros momentos não-discursivos da prática estudada. Essas etapas garantem a contextualização da análise discursiva, isto é, que os textos analisados sejam relacionados a causas mais amplas e a seu contexto particular (Resende, 2009).

Para abarcar a complexidade que exigem as pesquisas em análise de discurso, adotamos a ADTO como ferramenta de “análise discursiva” no enfoque metodológico que investiga formas simbólicas em contextos de comunicação (Thompson, 1995). Para atingir esse objetivo, propomos o diálogo entre os métodos de Thompson e Fairclough.

### **3.4 DIÁLOGO ENTRE THOMPSON E FAIRCLOUGH**

Nesta seção, discutiremos como os referenciais metodológicos desenvolvidos por Thompson (1995) e Fairclough (2003) complementam-se no contexto da investigação e como essa relação se desenhou na pesquisa. Para o início desse diálogo, é interessante observarmos que tanto Fairclough quanto Thompson sugerem a combinação de seus métodos com outros instrumentos analíticos e disciplinas. Ambos posicionam-se a favor de abordagens interdisciplinares. Neste particular, Fairclough considera (2003, p. 15) que “[a] análise textual como recurso para a investigação social pode ser ampliada desde que seja usada em conjunto com outros métodos de análise”.

O processo analítico, na Hermenêutica de Profundidade, envolve todo o estudo do objeto. A análise é construída desde o levantamento do contexto, segue pela investigação dos aspectos discursivos e se complementa com a interpretação. Não há partes estanques ou isoladas no desenvolvimento da pesquisa, há sim um processo recursivo na busca pela compreensão do objeto pesquisado à medida que ele vai sendo construído, motivo pelo qual elegemos este método.

Na proposta metodológica de Thompson, apresenta-se um leque de formas investigativas. A análise sócio-histórica adquire relevância nesse método; no entanto, segundo o autor, “devemos ir além desse nível de análise” (p. 364) e adentrar a fase da “análise discursiva”, que se articula com a análise sócio-histórica na interpretação das formas simbólicas. Para a fase da análise discursiva, segundo Thompson, é necessário recorrer a ferramentas metodológicas adequadas aos casos específicos a fim de analisar as mensagens distribuídas nos meios de comunicação. Entre os vários métodos, Thompson sugere análise semiótica, da conversação, da narrativa, entre outras. As instâncias do discurso devem ser estudadas por meio de recursos de análises discursivas rigorosas e sistemáticas (p. 374), o que se potencializa no diálogo com a ADTO. A exigência de uma análise discursiva sistemática, bem como a abertura para a escolha da ferramenta mais adequada para cada pesquisa, é de fundamental importância, pois nosso foco primordial de investigação é o momento discursivo. Justamente em virtude deste foco, elegemos a ADTO para se unir à HP.

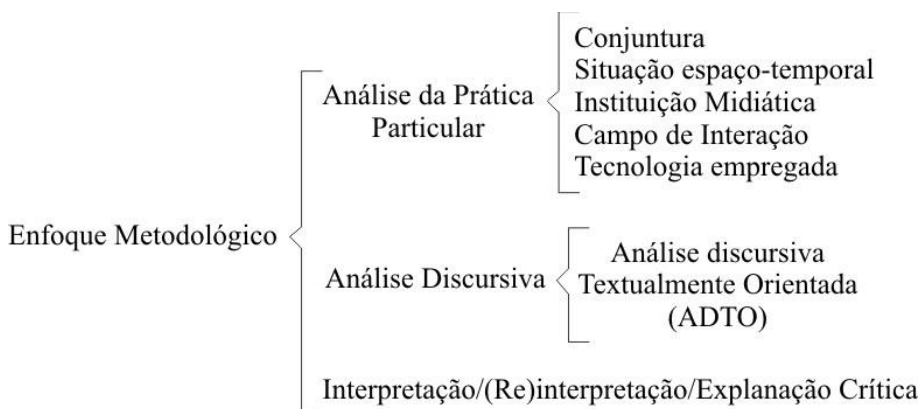
Além desse aspecto de complementação – a ADTO desenvolvida por Fairclough como ferramenta para a fase da “análise discursiva” de Thompson –, notamos pontos de intersecção nas propostas metodológicas dos autores. Como primeiro ponto, destacamos que ambos sugerem iniciar a investigação pelos mesmos aspectos ou fases, ainda que com nomenclaturas diferentes. Assim, os aspectos sugeridos por Thompson para a análise sócio-histórica (situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais; estrutura social; meios técnicos de transmissão) nas formas de investigação hermenêutica, bem como para a análise da fase de produção e transmissão em estudos de comunicação (as características das instituições em que o produto de comunicação é elaborado; as tecnologias empregadas; as maneiras como os/as profissionais entendem o que estão fazendo e os limites do processo produtivo) dialogam com as análises de conjuntura e da prática particular propostas por Fairclough.

No segundo ponto de intersecção, Thompson sugere a realização de entrevistas com os atores dos processos de comunicação para a interpretação da *doxa* (ou hermenêutica da vida cotidiana), a fim de apreender as “maneiras como as pessoas entendem o que elas estão

fazendo” (p. 393). Do mesmo modo, Fairclough considera que entrevistas com os atores da prática particular auxiliam a compreensão das ações e interações discursivas.

As propostas se tangenciam ainda nas considerações sobre a fase final do trabalho analítico: interpretação/explanação crítica. As interpretações ou reinterpretções, na acepção de Thompson, aproximam-se da “crítica explanatória” nos termos que Fairclough apropria do Realismo Crítico (Bhaskar, 1998; Resende, 2009), uma vez que esta almeja investigar o texto como material empírico à luz de conceitos, de um arcabouço teórico particular, em “interpretações reflexivas sobre os processos de construção do significado” (Fairclough, 2003, p. 11) e aquela “a construção criativa de possíveis significados, isto é, uma explicação interpretativa do que está representado ou dito” (Thompson, 1995, p. 375).

Com base nessas aproximações, elaboramos o enfoque metodológico desta investigação, apresentado na Figura 1 a seguir:



**Figura 1.** Enfoque Metodológico da Investigação

Refletindo sobre esses referenciais metodológicos, com ênfase nos pontos de interseção, adotamos um enfoque analítico com contornos específicos à investigação, que compreende três etapas analíticas, incluída a etapa final da interpretação.

A primeira, que denominamos ‘Análise da Prática Particular’, reúne as análises de conjuntura (Fairclough) à análise sócio-histórica (Thompson). Realiza-se nas análises dos seguintes aspectos: A) conjunturas (conjuntura social, política, histórica, econômica); instituição midiática (características da instituição em que o produto de comunicação é elaborado); situação espaço-temporal (cenário do estudo); meios de transmissão (tecnologias empregadas); e B) análise de entrevistas (maneiras como as pessoas entendem o que estão fazendo ou *doxa*). Seu objetivo é apreender as articulações entre o estudo de caso (cenário e atores sociais) e seus contextos.

Na segunda etapa, ‘Análise Textual’, empreendemos a análise sistemática de textos, em que os textos selecionados foram submetidos a categorias analíticas da ADTO, na articulação

entre análise social e textual, com o objetivo de responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais são as semelhanças e quais são as diferenças entre mídia e público nas ações e representações discursivas do tema compartilhado? Como a investigação se ocupou com modos de inter(agir) e representar por meio de textos, escolhemos as categorias analíticas de estrutura genérica, em que investigamos marcas textuais e aspectos da organização textual moldados em gêneros, e de interdiscursividade, em que investigamos marcas textuais usadas na identificação de discursos e de suas relações. Desse modo, buscamos mapear como discursos e gêneros realizam-se em traços semânticos, gramaticais e lexicais dos textos, isto é, nos significados e formas dos textos. Em resumo, as características das ações e representações discursivas da mídia e do público, analisadas a partir das marcas textuais, remetem às noções de mundo de quem narra (discurso), e aos modos como essas pessoas narram (gênero).

Como a ADTO é um campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas, os textos que integram o *corpus* são analisados como instâncias discursivas específicas associadas aos contextos discursivos. A partir desse material linguístico-discursivo, buscamos conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais. São as categorias analíticas sistematicamente aplicadas que permitem o mapeamento de relações entre o social e o discursivo, possibilitando a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais, e vice-versa (Ramalho e Resende, 2011, p. 111).

Por fim, chegamos à etapa da interpretação ou explanação, que consistiu na construção de possíveis significados com base nas fundamentações teóricas desenvolvidas, articuladas às análises empreendidas. As análises situadas temporal e espacialmente em relação ao objeto permitiram perceber que a experiência participativa ocorre no ambiente de convergência, num intrincado processo que abrange não apenas o rompimento de fronteiras entre mídias e tecnologias, mas também entre mercados, públicos e gêneros. Pela análise das situações de convergência encontradas nos dados, há mistura entre mídias e fluidez de conteúdos, principalmente entre revistas impressas e sites que utilizam a internet como suporte para a participação do público, bem como a distribuição do conteúdo em plataformas móveis. As situações específicas mostram a relação do Projeto Generosidade com o contexto da convergência e exemplificam a tendência ao equilíbrio do ecossistema midiático a partir da adaptação dos meios tradicionais a novas mídias e novas circunstâncias. O equilíbrio ocorre porque a mistura é vantajosa para os dois lados: a internet empresta suas funcionalidades típicas; e o impresso a chancela da credibilidade da organização midiática tradicional.

Com base no estudo teórico de aspectos e sentidos do tema compartilhado e pela análise de traços linguísticos, identificamos discursos, bem como suas características materializadas nos textos, e percebemos pontos de tangência e de distanciamento entre as representações discursivas nos dois grupos. Os resultados específicos e pormenorizados relativos aos hibridismos de gêneros e discursos no caso estudado podem ser consultados em Moraes (2014).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na construção metodológica desta pesquisa, buscamos a coerência entre: abordagem (qualitativa); princípio estratégico (estudo de caso); geração e coleta de dados (coleta de textos e outros documentos, e geração de entrevistas) e análise dos dados (HP e ADTO). A sintonia entre essas dimensões começa pela abordagem qualitativa, que “lida com interpretações das realidades sociais” (Bauer, Gaskell e Allun, 2010, p. 23), passa pela estratégia do estudo de caso, modalidade usada para explorar experiências concretas, cujo enfoque revela-se em processos contemporâneos em seus contextos da vida real (Yin, 2010), adentra pela escolha dos dados – textos, que reconstruem as maneiras pelas quais a realidade social é representada –, e culmina com a junção de dois métodos de cunho interpretativo e explanatório. A combinação da Hermenêutica de Profundidade (HP) (Thompson, 1995) com a Análise de Discurso Crítica, na vertente da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) (Fairclough, 2003), foi o foco deste artigo. Essa combinação metodológica permitiu investigar o objeto, que envolve processos sociais e questões discursivas, possibilitando uma explanação densa dos processos de participação em análise (Moraes, 2014). Por fim, enfatizamos que o diálogo entre esses dois métodos permitiu a construção de um desenho metodológico singular a fim de propiciar a análise minuciosa de textos e a explanação crítica, associadas a interpretações amplas de cunho social.

## 5. REFERÊNCIAS

- Bauer, M., Gaskell, G., Allun, N. (2010). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In Bauer, M., Gaskell, G., Allun, N. (eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 17-36.
- Canavilhas, J. (2011). El nuevoecosistema mediático. *Index comunicación*, 1, 13-24.
- Chouliaraki, L., Fairclough, N. (1999). Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Domingo, D. et al. (2007). Four dimensions of journalistic convergence: a preliminary approach to current media trends at Spain. Paper presented at the 8th International symposium on online journalism, Texas. Retrieved from <[http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5114/1/Four\\_dimensions\\_of\\_journalistic\\_convergence.pdf](http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5114/1/Four_dimensions_of_journalistic_convergence.pdf)>.
- Fairclough, N. (1992). Discourse and social change. Cambridge: Polity Press.
- \_\_\_\_\_. (2003). Analysing discourse: textual analysis for social research. London; New York: Routledge.
- Jenkins, H. (2009). Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph.
- Lopes, A. S. (2010). Tecnologias da Comunicação: novas domesticações. Tese de doutorado. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Lopes García, X. et al. (2012). A convergência como instrumento de renovação/conservação do jornalismo em Galícia: estratégias e indefinições. *Brazilian Journalism Research*, 8(1).
- Mouillaud, M. (2012). Da forma ao sentido. In Mouillaud, M, Porto, S. (eds.). O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 47-53.

- Moraes, F. (2014). 'Sua história' na mídia: aproximações e diferenças discursivas em tempos de convergência. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Postman, N. (1980). The reformed English curriculum. In Eurich, A. C. (ed.). High school 1980: the shape of the future in American secondary education. New York: Pitman, 160–168. Retrieved from <[http://www.media-ecology.org/media\\_ecology](http://www.media-ecology.org/media_ecology)>
- Ramalho, V., Resende, V. (2011). Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes.
- Resende, V. (2009). Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares. Campinas: Pontes.
- Santaella, L. (2010). A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus.
- Scolari, C. A. (2012). Media Ecology: exploring the metaphor to expand the theory. *Communication Theory*, 22, 204-225.
- Shirk, C. (2011). A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silverstone, R., Hirsch, E. (1992). Consuming Technologies: Media and Information in Domestic Spaces. Routledge.
- Thompson, J. B. (1995). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.
- Yin, R. K. (2010). Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman.